

O PÓS-ABOLIÇÃO EM MATO GROSSO: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA POPULAÇÃO NEGRA NA IMPRENSA CUIABANA (1879-1912)

 10.5935/2177-6644.20220017

POST-ABOLITION IN MATO GROSSO: SOCIAL REPRESENTATIONS OF THE BLACK POPULATION IN THE CUIABANA PRESS (1879-1912)

POST-ABOLICIÓN EN MATO GROSSO: REPRESENTACIONES SOCIALES DE LA POBLACIÓN NEGRA EN LA IMPRENTA CUIABANA (1879-1912)

Kaique Rodrigues Vieira *

 <https://orcid.org/0000-0001-9916-7131>

Resumo: A partir das repercussões veiculadas pela imprensa cuiabana sobre a população negra, este projeto visa investigar como os jornais da baixada cuiabana na época da abolição representavam a vida cotidiana dos negros e negras, suas lutas, seus modos de vida, especificamente, por meio dos jornais *A província de Mato Grosso* e *O Matto-Grosso*. O objetivo da pesquisa, portanto, é analisar as representações sociais construídas e difundidas sobre negros e negras nesses jornais cuiabanos entre os anos de 1879 a 1912. Esta pesquisa pode ajudar a compreender em que medida aspectos da cultura negra eram incorporados, ou não, nos processos de representação nos jornais, o que permite observar as fronteiras simbólicas dentro das quais os sujeitos negros eram perspectivados pela imprensa durante e após o processo de abolição legal da escravatura.

Palavras-chave: Representações. Negros. Imprensa. Periódicos.

Abstract: Based on the repercussions conveyed by the cuiabana press on the black population, this study aims to investigate how the newspapers in the Cuiabana Baixada at the time of abolition represented the daily life of black men and women, their struggles, their ways of life, specifically, through from the newspapers *A province of Mato Grosso* and *O Matto-Grosso*. The objective of the research, therefore, is to analyze the social representations constructed and disseminated about black men and women in these Cuiaban newspapers between the years 1879 to 1912. This research can help to understand to what extent aspects of black culture were incorporated, or not, in the processes of representation in newspapers, which allows us to observe the symbolic borders within which black subjects were viewed by the press during and after the abolition process. legality of slavery.

Key-words: Representations. Blacks. Press. Periodicals.

Resumen: A partir de las repercusiones que la prensa de Cuiabana transmite sobre la población negra, este estudio tiene como objetivo indagar cómo los periódicos de la Cuiabana Baixada en la época de la abolición representaban la vida cotidiana de los hombres y mujeres negros, sus luchas, sus formas de vida. , concretamente, a través de los periódicos *A provincia de Mato Grosso* y *O Matto-Grosso*. El objetivo de la investigación, por tanto, es analizar las representaciones sociales construidas y difundidas sobre hombres y mujeres negros en estos periódicos cuiabanes entre los años 1879 a 1912. Esta investigación puede ayudar a comprender en qué medida se incorporaron, o no, aspectos de la cultura negra en los procesos de representación en los periódicos, lo que permite observar las fronteras simbólicas dentro de las cuales los sujetos negros fueron vistos por la prensa durante y después del proceso de abolición. legalidad de la esclavitud.

Palabras-clave: Representaciones. Negros. Presionar. Publicaciones periódicas.

* Mestrando em História pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Professor efetivo de História na Rede Estadual de Educação no Estado de Mato Grosso  <http://lattes.cnpq.br/8312497959758577> - E-mail: kaaahvieira@gmail.com.

Introdução

Conhecido na historiografia como pós-abolição, o período posterior ao 13 de maio de 1888 tem sido objeto de estudos focados nas desigualdades raciais reminiscentes dos séculos de escravidão e perpetuadas pelo modo como se conduziu o processo de abolição. Entre as análises mais destacadas, estão aquelas acerca do protagonismo negro na luta contra as condições impostas por um processo abolicionista que prometeu a liberdade e igualdade, mas que não as efetivou no plano da vida social e política. Depois de alforriados, pretos e pardos continuariam indivíduos marginalizados, vitimados por uma sociedade de mentalidade escravocrata, que se sentiu incomodada com a ideia de dividir seus privilégios. A liberdade expressa no direito de pessoas negras votarem, irem e virem ou simplesmente recusarem uma proposta de trabalho foi encarada pela população branca como uma afronta, causando muitos problemas à sociedade no pós-abolição (NASCIMENTO, 2016; HOLT, 1992).

Com efeito, até a década de 1990, as análises sobre o pós-abolição davam ênfase às dificuldades dos novos libertos para a integração na sociedade. Interessavam-se particularmente pelos projetos das elites para aquele novo momento nacional pós-1888 (COSTA, 1966; AZEVEDO, 1987; KOWARICK, 1987). Como explicam Mattos e Rios:

[...] Inúmeros trabalhos se dedicaram a estudar os projetos das elites a respeito dos libertos e da utilização dos chamados 'nacionais livres' como mão-de-obra. Detalhes sobre diagnósticos e projetos de construção nacional, produzidos por elites invariavelmente conservadoras, pautaram por muito tempo a discussão historiográfica sobre o período pós emancipação. Melhor dizendo, o pós-abolição como questão específica se diluía na discussão sobre o que fazer com o 'povo brasileiro' e a famosa 'questão social' (MATTOS; RIOS, 2004, p. 170).

Na sequência, os estudos ampliaram o interesse para investigar também o protagonismo dos novos libertos na afirmação de suas culturas e visões de mundo sobre o presente e o futuro (ALBERTO, 2011; ARANTES, 2010; DOMINGUES, 2014; MATTOS; RIOS, 2004). Os estudos buscavam compreender os modos de resistência da população negra, suas estratégias de organização associativa, a construção de representações da vida cotidiana, de suas simbologias e modos de vida nos carnavais populares (DOMINGUES, 2014; SOIHET, 1998). A realidade do pós-abolição passara a ser contada a partir das histórias daqueles que sofreram as mazelas da escravidão, por meio da reconstituição de suas subjetividades na luta por direitos (MATTOS; RIOS, 2004). O trabalho de Lúcia Helena Gaeta Aleixo (1995) é uma referência no estudo dos mecanismos de resistência de negros livres e brancos pobres contra práticas análogas às da escravidão, praticadas no pós-abolição. Em *Vozes no Silêncio: subordinação, resistência e trabalho em Mato Grosso*

(1888-1930), a autora conta como a escravidão *permaneceu* no âmbito do trabalho livre e assalariado. Aleixo abriu espaço para estudos aprofundados sobre o trabalho em Mato Grosso, permitindo uma clareza maior sobre o lugar que os negros tiveram no processo pós-abolicionista, ecoando suas vozes contra a dominação.

Reconhecendo a importância dessa literatura para a compreensão do pós-abolição, este projeto de pesquisa volta-se, no entanto, para uma questão mais específica, que só mais recentemente transformou-se em objeto de estudos da área. Trata-se de analisar as representações sociais da população negra na imprensa cuiabana em anos anteriores e posteriores ao pós-abolição, a partir da realidade de Cuiabá, capital da Província. Aliando os nossos interesses de pesquisa e a experiência de sala de aula na abordagem dessas questões, o objetivo da pesquisa é analisar as representações construídas e difundidas sobre negros e negras em três jornais cuiabanos entre 1879 e 1912, período que compreende uma década antes e uma década após a abolição da escravatura. Para o estudo aqui proposto, estudaremos os jornais *A província de Mato Grosso* (1879-1889), *A tribuna* (1885-1890) e *O Matto-Grosso* (1890-1912).

Problema e Justificativa

A pretensão deste estudo não está em analisar como os negros se manifestavam, como fizeram outros trabalhos sobre o pós-abolição, mas em investigar como os jornais compartilhavam, com a opinião pública daquele período, a vida cotidiana desses sujeitos, suas lutas, seus modos de vida, suas atuações. Como os negros eram identificados, a que temas eram associados em jornais que circulavam na baixada cuiabana? Este estudo pode ajudar a compreender em que medida aspectos da cultura negra eram incorporados, ou não, nos processos de representação nos jornais, o que permite observar as fronteiras simbólicas dentro das quais os sujeitos negros eram perspectivados pela imprensa durante e após o processo de abolição legal da escravatura.

A ideia de estudar este tema surgiu do contato com leituras, ainda na graduação em História, que mostravam como os jornais podem servir de espaço para a compreensão do imaginário social de uma dada época, desde que o historiador adote certos princípios metodológicos que devem guiar o seu olhar. Da mesma forma, as questões que envolvem as representações de grupos socialmente vulneráveis ao longo do tempo é outro de nossos interesses desde o início da formação, tanto que estudamos, em outro momento, os sentidos sociais sobre as mulheres na antiguidade. Agora, observando o jornalismo dos nossos dias, é possível perceber a perpetuação de estereótipos vinculados aos sujeitos subalternizados, principalmente negros, na relação direta com uma

construção social que remonta aos tempos da escravidão, situando aqueles ainda em cenários de criminalidade ou retirando as dezenas de mortes acontecidas nas comunidades do contexto macrossociológico - de um genocídio histórico - dentro do qual esses eventos deveriam ser compreendidos (QUIRINO, 2017). O silenciamento que continua a ocorrer em diversos órgãos de imprensa sobre o que se passa com o povo negro ou a construção de discursos desprovidos de contexto histórico levaria a um apagamento da discussão sobre racismo no país, que não pode ser compreendida, ademais, sem um questionamento acerca do trabalho de representação dos jornais. As representações hoje difundidas sobre os negros na imprensa apresentam-se como resquícios de um processo abolicionista inacabado, como vieram a mostrar diversos estudos, figurando com verdadeiras permanências de mentalidades derivadas daquele momento. Desta feita, como poderíamos propor uma leitura do pós-abolição na província de Mato Grosso, especificamente a partir da realidade de Cuiabá, com base nas representações sociais de negros e negras elaborados pelos jornais? E que tipo de relação estas poderiam ter com representações hoje difundidas em diversos conteúdos da cultura da mídia?

Partimos do pressuposto de que um jornal não é – nem era, sobretudo no século XIX – um ente desinteressado que narra objetivamente a realidade, mas um ator social que a constrói por meio de estratégias discursivas que fornecem eixos interpretativos do real aos seus leitores (ALSINA, 2009). Os relatos jornalísticos, como mostram teóricos da comunicação e das ciências sociais de um modo geral, são construções discursivas capazes de definir a agenda pública, com grande poder de delimitação do debate e das interpretações – das fronteiras de inteligibilidade – sobre o mundo social (TUCHMAN, 1978; TRAQUINA; 2004 ALSINA, 2009). Com efeito, esses relatos são plenos de representações sociais, o que, na visão de estudiosos como Stuart Hall, este um teórico jamaicano que viveu e produziu na diáspora, ou Roger Chartier, representam propostas de compreensão do mundo mediadas pela linguagem e pela cultura. Também por essa razão o estudo da imprensa tem espaço destacado em diversos ramos da historiografia, como a História Cultural. Sem dúvida, os jornais possuem um importante papel de ator político nas sociedades e expressam aspectos reveladores do imaginário sociocultural de uma época. No período do pós-abolição, circulavam em Cuiabá periódicos liberais e conservadores, imperialistas e republicanos, jornais com visões e ideologias distintas, mas com influência na formação das opiniões.

Se, atualmente, o poder de influência do jornal impresso vem sendo relativizado, em virtude do surgimento do meio online, no século XIX, os diários eram o principal meio de comunicação e um mobilizador importante na construção da esfera pública. De fato, os jornais eram importantes

meios de expressão e de conformação do debate público, não ficando restritos apenas às camadas letradas, já que o conteúdo era bastante transmitido oralmente entre as pessoas. Apesar do alto índice de analfabetismo, as práticas de leitura oral ampliavam o público de leitores. Assim, aqueles que não sabiam ler e escrever, ouviam. E, dessa forma, os conteúdos e suas representações circulavam pelas províncias brasileiras, influenciando a construção do imaginário social também sobre a população negra (BARBOSA, 2010). De acordo com Sodré (1999), os jornais tinham uma enorme relevância no cerne das ações políticas da Primeira República, visto que os maiores jornais faziam parte de uma disputa política pelo poder, na forma como era exercido pelo governo e demais instituições na sociedade. Como em muitas das vezes a imprensa não tinha recursos próprios, ela acabava dependente do poder público, com o recebimento de verbas oficiais. Salvo os casos de jornais autônomos que tinham sua própria forma de se manter sem a interferência de verbas públicas.

Dada a importância vital dos periódicos na vida social oitocentista também em Mato Grosso, resolvemos verificar de que forma os jornais *A província de Mato Grosso*, *A Tribuna* e *O Matto-Grosso* representavam os sujeitos negros em seu discurso sobre o mundo social. Com base em uma passagem pelas páginas desses periódicos, conservados em acervos da cidade de Cuiabá, fomos levados a questionar o que poderíamos conhecer sobre os negros por meio de uma análise das representações desses sujeitos nos jornais. Que leituras sobre a população negra eram propostas pelos diários? Que identidades eram dadas a conhecer? Havia, por exemplo, sujeitos negros que se destacavam nesta imprensa? De modo mais amplo, que leitura do pós-abolição pode ser feita com base em uma análise dos sentidos sobre a população negra em circulação nesses jornais?

É importante assinalar que, em uma primeira leitura do material de análise, foram constatados discursos não apenas que carregam certa carga tendente ao estereótipo – o que deve ser objeto de análise neste estudo – mas, também, posições alinhadas com o fim da escravidão, como podemos extrair deste comentário de *A Tribuna*, publicado a 12 de dezembro de 1886, a propósito da Lei Nº 3.310, de 15 de outubro daquele ano, que extinguiu a prática de açoites de escravizados: “É com prazer que publicamos abaixo a lei que extingue do nosso Código Criminal as penas de açoites. Se bem que tarde essa extinção, mas veio ainda em tempo a minorar aos infelizes escravos mais esse flagelo à sua desventurada existência”. Comentários desse tipo podem ajudar a compreender não apenas as representações acerca da população negra escravizada como também a própria posição do jornal sobre o processo de abolição e tudo o que viria depois em termos de providências do governo da Província para lidar com os novos libertos, agora necessitados de

integração social. Que sujeitos eram aqueles que agora ganhavam a liberdade legal – que significavam? Qual a sua relação com o corpo social, aos olhos dos jornais aqui analisados?

Pesquisas como as de Machado (2015), por exemplo, mostram como, no Rio de Janeiro, capital do Império, alguns jornais tiveram papel crucial na expansão de ideias abolicionistas, ainda que as representações dos negros fosse, em muito, vinculadas à perspectiva das elites abolicionistas em seus projetos para o nosso momento nacional:

O objetivo central dos jornais abolicionistas da Corte, com destaque para aqueles vinculados a José do Patrocínio (1853-1905) - *Gazeta de Notícias*, *Gazeta da Tarde*, durante a década de 1880, e *Cidade do Rio*, nos meses finais que antecederam a extinção legal do escravismo -, era demonstrar que o cativo era responsável pelo atraso do Império e pela manutenção dos resquícios da sociedade colonial em oposição ao progresso e à civilização. Além disso, a imprensa abolicionista exerceu o papel de veículo divulgador das mazelas do cativo, denunciando as arbitrariedades dos senhores e a resistência dos escravos (MACHADO, 2015, p. 1-2).

Em Mato Grosso, ainda são escassas as análises das representações de sujeitos negros na imprensa do período, o que nos encoraja ainda mais realizar o estudo aqui proposto. O relatório do governo da Província, do ano de promulgação da Lei Áurea, em 1888, revela que os negros livres, se antes contavam com algum apoio à causa abolicionista até por parte de alguns governantes (MIRANDA, 2010), agora eram motivo de preocupação dos governantes quanto à “segurança individual” e à “tranquilidade pública”:

No intuito de prevenir qualquer inconveniente que pudesse resultar da aglomeração dos libertos pela lei de 13 de Maio do corrente anno, e que vagavam sem ocupação pelas ruas desta cidade nos primeiros dias que se seguiram ao da notícia da promulgação da mesma lei, foram tomadas pela policia as necessárias providencias, conseguindo-se por meio suasórios, e sem o menor emprego de violencia faze-los tomarem occupação, contractando se à soldada ou entregando-se a trabalho próprio (RELATÓRIO, 1888, p. 4).

A reconstituição do contexto do pós-abolição em Mato Grosso será fundamental para a compreensão das representações construídas na imprensa sobre os negros libertos. Afinal, sendo o trabalho de representação fruto do processo de mediação da linguagem, vinculada sempre ao contexto cultural, o discurso dos jornais não deixa de receber influência direta dos sentidos em circulação no meio social (HALL, 2016), abrindo pistas importantes para a análise historiográfica a partir do trabalho dos jornais como fontes de pesquisa histórica. Diante disso, o problema de pesquisa do nosso estudo pode ser formulado da seguinte maneira: De que forma o sujeito negro fora socialmente representado no discurso dos jornais *A Província de Mato Grosso*, *A Tribuna* e *O Matto-Grosso* no período anterior e posterior à abolição?

Assim colocada, a pergunta de pesquisa encontra eco em outras análises historiográficas sobre o período, quer em termos teóricos, quer do ponto de vista metodológico. Vários autores

propuseram leituras do período a partir do estudo dos sentidos sobre a população negra na imprensa. Em *Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX (1897)*, Lilia Moritz Schwarcz (2017) analisou os significados sobre a população negra em jornais paulistanos. A autora recorreu a fontes textuais e iconográficas, analisou anúncios, artigos e classificados de jornais que faziam menção à raça negra e identificou que havia, já naquele período, discussões, sobre uma suposta “democracia racial” brasileira. Além disso, a pesquisa revela que os jornais davam ênfase em hábitos da população negra que chamavam de “primitivos”, na violência da escravidão ou em práticas de bruxaria e feitiçaria negras. Pistas deixadas na análise de Schwarcz (2017) serão igualmente importantes para essa pesquisa, como observar se havia alguma repercussão sobre os hábitos da população negra ou, ainda, verificar se o discurso dos jornais deixava antever algo, em suas representações, que pudesse ter relação com a difusão de uma ideia de igualdade entre as raças.

Álvaro Nascimento (2016) também analisou as representações dos negros na imprensa no pós-abolição. Em *Um reduto negro: cor e cidadania na armada (1870-1910)*, o autor lança seu olhar sobre os sentidos criados por periódicos sobre levantes de marinheiros negros, na Revolta da Armada (1893-1894), no governo Floriano Peixoto. Os marujos se sublevaram contra as práticas de castigo corporal das Forças Armadas. “Era muito difícil dissociar essas punições físicas em marinheiros negros daquelas praticadas legalmente em trabalhadores cativos do último país das Américas a abolir juridicamente esse tipo de disciplinamento” (NASCIMENTO, 2016, p. 72). O autor revela que periódicos como *O Malho*, revista ilustrada surgida em 1902, voltada ao humor e à sátira política, colocou-se contrária aos levantes, satirizou os revoltosos e se referiu aos negros como sujeitos controlados pela marinha “branca”.

Em *Do (in) visível ao risível: o negro e a “raça nacional” na criação caricatural da Primeira República*, Silvia Capanema Almeida e Rogério Sousa Silva (2013) analisaram as representações do negro em caricaturas veiculadas nas revistas de sátira, como *Careta* (1908-1960), *O Mercúrio* (1898), *O Tagarela* (1902-1904), *O Malho* (1902-1920) e outras. Os autores revelam que as caricaturas tratavam das dificuldades da população branca de conviver com a ascensão social de negros. “Entre os momentos finais do século XIX e o começo do XX, essa presença podia despertar incômodos, reforçando a ideia de ascensão pelo branqueamento, seja projetado ou idealizado através da mestiçagem [...]” (ALMEIDA; SILVA, 2013, p. 318). Para os autores, as caricaturas ridicularizavam os negros, que apareciam em trajes e rodas sociais a que estariam alheios, reforçando a sensação de estranhamento com o lugar agora ocupado por aqueles sujeitos.

Estudos como esses revelam a quão promissora pode ser a investigação sobre o pós-abolição a partir do trabalho com a imprensa como fonte documental. Os autores mostram como as representações criadas em jornais e revistas expressam valores sociais muito presentes no imaginário social da época e ainda muito vívidos na sociedade dos tempos atuais. De outro lado, como a maior parte dos estudos sobre a representação dos negros na imprensa do período se concentra em São Paulo e Rio de Janeiro, esta pesquisa se torna muito relevante para compreender como a questão se colocava na província de Mato Grosso, onde a maior parte da população era preta ou parda. Trata-se de um estudo que permite conhecer mais sobre o pós-abolição em Mato Grosso, dialogando com os sentidos postos em circulação pelos jornais.

Objetivo Geral

Analisar sentidos sociais em circulação na província de Mato Grosso sobre os sujeitos negros no pós-abolição por meio do estudo dos jornais *A Província de Mato Grosso*, *A Tribuna* e *O Matto-Grosso*.

Objetivos Específicos

- Contextualizar o período pós-abolicionista em Mato Grosso, destacando a realidade da população negra e papel social dos jornais que são objeto de estudo desta pesquisa;
- Identificar as representações sociais dos negros e negras a partir da categorização dos contextos temáticos em que figuravam no discurso dos jornais;
- Perceber as relações entre os sentidos produzidos nas representações sobre a população negra e as concepções existentes no imaginário pós-abolicionista em Mato Grosso.

Referencial teórico

Os objetivos deste estudo exigem dois movimentos fundamentais na construção do enquadramento teórico que deve guiar a análise das representações sociais sobre o negro na imprensa cuiabana, no pós-abolição. O primeiro movimento é de ordem contextual. Será necessário reconstituir o cenário sociopolítico em que se deu a abolição da escravatura no Império brasileiro, com foco em Mato Grosso. É preciso compreender de que maneira esse processo fora sentido na província, o olhar e lugar da população negra aqui residente, a perspectiva também das elites sobre tal processo – dado que essa perspectiva estaria, em parte, representada nos jornais – para termos elementos de contexto necessários para uma análise mais completa da abordagem dos jornais *A*

Província de Mato Grosso, A Imprensa e O Matto-Grosso. A reconstituição de tais cenários é também um elemento de ordem metodológica, que nos prepara para o segundo principal movimento teórico do estudo: tencionar o conceito de representações sociais na sua relação com o trabalho da imprensa, o qual mantém íntima conexão com os contextos sociais, políticos e culturais em que os fenômenos sociais se configuram.

O conceito de representação social permite identificar as fronteiras simbólicas dentro das quais o sujeito negro fora situado, em parte da imprensa cuiabana, no pós-abolição. Diferentes autores propõem formas de compreensão do conceito, com perspectivas que vão da psicologia social aos estudos da cultura, passando pelas interfaces entre o social e político, no âmbito da História Cultural. Para este estudo, interessa estabelecer conexões com algumas dessas perspectivas, de forma a propormos uma compreensão fenomênica de representação social que, em nosso entender, será capaz de dar conta do complexo processo de construção de sujeitos e identidades por meio das trocas simbólicas articuladas em instâncias de mediação como são os jornais, especificamente no processo de configuração do sujeito negro.

O conceito de representação social nasceu na sociologia de Émile Durkheim, mas, na segunda metade do século XX, passou a ser largamente utilizado pelas humanidades, em parte pelos trabalhos de psicologia social de Serge Moscovici (2003). Grosso modo, trata-se de uma forma de entendimento da realidade a partir do funcionamento cognitivo dos grupos sociais. Nesta concepção, representações sociais seriam um tipo de conhecimento prático que daria sentido aos hábitos mais corriqueiros, ajudando a construir um certo consenso em torno da realidade social. Um dos nomes mais importantes desta vertente é o da teórica francesa Denise Jodelet (2001, p. 4), para quem a representação social “é uma forma de conhecimento, socialmente elaborado e compartilhado, que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. Assim, entendidas como fenômenos cognitivos,

[...] as representações sociais, como sistemas de interpretação, que regem nossa relação com o mundo e com os outros, orientando e organizando as condutas e as comunicações sociais. Igualmente intervém em processos tão variados quanto a difusão e a assimilação dos conhecimentos, no desenvolvimento individual e coletivo, na definição das identidades pessoais e sociais, na expressão dos grupos e nas transformações sociais (JODELET, 2001, p. 5).

A dimensão social intervém de diferentes maneiras no processo de constituição das representações: modela o contexto no qual pessoas, grupos e instituições estão situadas, interferindo na bagagem cultural que fornece os símbolos, códigos, valores e ideologias para que possam construir os mapas mentais a partir dos quais projetam e interpretam uma dada realidade. Na leitura

de Moscovici e Jodelet, “a representação é sempre a atribuição da posição que as pessoas ocupam na sociedade [...]. Ela não é cópia do real, nem cópia do ideal, nem a parte subjetiva do objeto, nem a parte objetiva do sujeito, ela é o processo pelo qual se estabelece a relação entre o mundo e as coisas” (SÊGA, 2000, p. 128-129). Este tipo de proposição permite entender o jornal como instância de cruzamento de sentidos que se constituem no imaginário social por meio da partilha de códigos culturais que tendem a ser naturalizados à medida que certas representações da população negra são propostas à opinião pública. Muitas análises historiográficas vão neste sentido, ao anteverem que as construções semânticas operadas pela imprensa ao longo dos últimos 200 anos sobre pretos e pardos têm um papel importante na reafirmação do racismo e no apagamento dos processos que nos trouxeram até aqui, naturalizando estereótipos e estigmas (ALMEIDA; SILVA, 2013; COSTA, 2010; PINTO, 1998; LUSTOSA, 1991; SANTOS, 2014; 2013; SCHWARCZ, 2017). A tensão existente na imprensa entre a denúncia e naturalização do racismo mediante a reafirmação de estereótipos, como dão conta esses vários trabalhos, será objeto de reflexão neste estudo para que possamos compreender melhor os achados nas fontes estudadas.

No campo da História Cultural, o historiador Roger Chartier (2002, p. 73) alerta que estudar as representações sociais exige dedicar “atenção às estratégias simbólicas que determinam posições e relações que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ser percebido, constitutivo de sua identidade”. Aliás, dentro da Nova História Cultural – ou numa variação mais específica, a História Cultural do Social – a definição das identidades é um processo que sempre depende da maneira pela qual um determinado grupo compreende, configura e representa o seu mundo.

Com efeito, o estudo da representação social do negro na imprensa requer a captação das estratégias simbólicas adotadas pelos jornais para situar discursivamente o sujeito dentro de um contexto específico em que estavam em causa interesses diversos, amalgamados nas entrelinhas do discurso dos jornais. Tais estratégias simbólicas, lembra Chartier (1990), dizem sempre respeito aos interesses daqueles que engendram e enunciam os discursos, o que deve levar o analista a produzir as relações necessárias entre os sentidos identificados no texto e a posição social e ideológica de quem o produziu. O autor defende que as representações sociais são variáveis, segundo as disposições dos grupos ou classes sociais; almejam à universalidade, mas são sempre assentadas e determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam dentro de seu contexto temporal. As representações não são discursos imparciais: produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas.

No caso dos jornais, Pierre Bourdieu (1989) identifica uma relação de ambiguidade muito

complexa nos jornais, que viveriam divididos entre um polo cultural, voltado à discussão de questões que interessam ao público e à defesa de determinadas causas, e um polo econômico, moldado por interesses empresariais – a lógica do lucro – e políticos – busca de outros capitais simbólicos – capazes de interferir nas rotinas de produção do conteúdo jornalístico. Ainda que a referência feita pelo sociológico francês seja mais voltada ao jornalismo industrializado, surgido no Brasil apenas no século XX, as raízes de ambos os polos – cultural e econômico – poderiam ser identificadas no jornalismo praticado também no século XIX. Neste, os interesses oficiais, que viam o jornal como instrumentos de veiculação das versões do governo, como lembra Sodré (1999), ou das elites formariam o polo político-econômico, enquanto o polo cultural poderia ser identificado nas causas a que os jornais se alinhavam, seja na defesa da abolição da escravidão ou na difusão de ideias republicanas ou de manutenção do *status quo* do Império, e muitos o faziam (SODRÉ, 1999).

Sem dúvida, o campo jornalístico, conceito a que Bourdieu também se dedicou, é constituído por um espaço de poder simbólico no qual os agentes podem determinar, validar e legitimar as representações com uma classificação dos signos adequados, que fazem parte de valores vinculados à cultura profissional e ao contexto social mais amplo (BOURDIEU, 1989). Se, atualmente, as relações entre a subcultura jornalística e os interesses políticos e econômicos das elites continua a ser um fato largamente estudado (GUAZINA, 2011), no século XIX, ainda sem a preocupação de seguir valores mais contemporâneos em torno de certas mitologias socioprofissionais – como as noções de imparcialidade e objetividade – os jornais, em oitocentos, assumiam-se claramente como vozes engajadas, sendo muito mais clara a posição de cada qual no jogo político. Desta maneira, o estudo das representações sociais sobre os negros nos jornais precisa passar por uma articulação entre o trabalho de representar e as particularidades desta instância de representação que é a imprensa.

Para o nosso estudo, uma proposta de articulação muito profícua é aquela formulada por Stuart Hall, teórico jamaicano que viveu a maior parte da vida na diáspora, transformando-se em um dos nomes mais importantes do paradigma dos Estudos Culturais. Parte de suas reflexões pretende entender a constituição dos sentidos a partir dos grandes *sistemas de representação* que compartilhamos. Para Hall, a representação social seria:

Um processo pelo qual membros de uma cultura usam a linguagem (amplamente definida com um sistema em que dispomos de signos, um sistema significante) para produzir significado. Essa definição carrega a importante premissa de que coisas, objetos, pessoas e eventos não têm neles mesmos um significado fixado, final ou verdadeiro. Nós – em sociedade, com culturas humanas – que atribuímos significados às coisas. Os significados, conseqüentemente, sempre mudarão, de uma cultura ou um período para outro (HALL, 2016, p. 61).

O autor desenvolve uma análise de cunho político sobre o papel da linguagem, chamando a atenção para a natureza ideológica dos signos a partir dos quais damos significado às coisas e constituímos a nossa própria consciência diante da realidade. Hall (2016, p. 18) lembra que a linguagem “é um dos meios através do qual pensamentos, ideias e sentimentos são representados numa cultura”. O teórico argumenta que os sentidos que compartilhamos dão concretude à nossa própria identidade, que vai se modificando à medida em que os circuitos de produção de sentidos são ajustados e modificados pela cultura (HALL, 2016). Hall estabelece uma clara relação com a perspectiva foucaultiana de discurso na sua conexão com o exercício do poder e a questão do sujeito. Para Foucault (1996), a existência das coisas depende dos sentidos que articulamos para termos conhecimento sobre elas. Assim, só conhecemos algo porque ele faz sentido para nós, o que leva o filósofo a propor que os circuitos de produção de conhecimento são, também eles, formas de exercício de poder. Como a linguagem é um terreno de lutas pela tomada do sentido, como insiste Foucault (1996), o conhecimento das coisas – das identidades, dos sujeitos – seria também objeto de disputa simbólica. O aprofundamento desta relação entre o pensamento de Foucault sobre o discurso – base da ideia de representação – e os postulados de Hall (2016) sobre a linguagem como esquema representacional é questão a ser tensionada para a compreensão do nosso problema de pesquisa.

É razoável supor, com base nessa discussão, que o discurso produzido pelos jornais sobre a população negra tem uma incidência muito direta na configuração dos saberes sociais sobre aqueles sujeitos no período do pós-abolição em Mato Grosso e que aquele pode haver reafirmado estruturas sociais – ou, na expressão foucaultiana, certos regimes de verdade –, nos quais o racismo e todo tipo de estereotipia se ancoram. Estudar os sentidos em circulação permite, então, verificar que saberes os jornais construíram, refutaram ou mesmo naturalizaram sobre o ser negro no pós-abolição. Mais do que isso, permite fazer uma leitura, ao menos em parte, do imaginário social da época em Mato Grosso, e apontar, talvez, uma certa genealogia dos sentidos que ainda hoje perduram em nossa sociedade, particularmente na mídia.

Entre os sistemas de representação trabalhados na obra *Cultura e Representação*, de sua autoria, Hall (2016) discute com mais profundidade aqueles dominados pelos estereótipos vinculados à ideia de raça, o que interessa diretamente ao nosso estudo. O autor apresenta uma análise diacrônica sobre as representações do negro na cultura ocidental desde a Idade Média até os dias mais recentes, mostrando como foram criadas visões essencialistas, parcelares e redutoras sobre o ser negro. Para tal, Hall inicia uma discussão sobre o papel da noção de diferença,

chamando a atenção inclusivamente para os seus perigos no campo da linguagem.

Dialogando com o linguista Ferdinand de Saussure, segundo o qual os signos linguísticos – e os da cultura, como acrescenta Hall – ganham força semântica a partir daquilo que possuem de distintivo em relação a outros, o autor argumenta que a produção da diferença nos discursos hegemônicos sobre os negros se ancorou, durante séculos, na fixação de um lugar marginal e de subalternidade, um pouco em linha, também, com a ideia de criação de um lugar desviante em relação a uma norma-padrão, como procurou mostrar Foucault (2005), ao estudar questões como a sexualidade e a loucura. Ao voltarmos a estudos já citados neste projeto acerca das representações do negro na imprensa, como à análise de Almeida e Silva (2013), nota-se que os discursos foram criados para enfraquecer os negros, a partir de uma representação caricatural que os infantiliza e ridiculariza em face de uma hegemonia branca.

Dessa maneira, uma forma de analisar os jornais de época é conseguir identificar as características de enquadramento social em que os negros eram situados no discurso desses meios, para assim, entendermos se haveria a perpetuação de códigos dominantes e excludentes. Para Gilroy (2001), as identidades culturais negras são indissociáveis da experiência da escravidão moderna e sua herança espalhada pelo Atlântico. As identidades negras da diáspora, culturalmente híbridas e ativas, se desenvolvem não somente pela memória do trauma primário, como também na existência posterior da violência racial e do racismo. Na obra *Pele negra, máscaras brancas* Frantz Fanon afirma que o complexo de inferioridade é criado pelo branco, que a cultura europeia estabelece uma civilização dos brancos, designando a hierarquização desta etnia, para a manutenção de uma perspectiva de superior, sistematicamente se faz necessário que alguém assuma a contraposição, a de inferior. Desse modo, o branco seria o responsável pelo racismo, pois é ele o provedor de um processo de hierarquização. “A inferiorização é o correlativo nativo da superiorização europeia. Precisamos ter coragem de dizer: é o racista que cria o inferiorizado” (FANON, 2008, p. 21). O autor destaca que existe um certo anseio de aceitação do negro, devido a sua inferiorização pelas pessoas brancas, que o desumanizam. Essa é uma discussão que permite observar em que medida as representações sociais identificadas nos jornais têm alguma relação com a criação desses processos de hierarquização, tão fundantes do racismo entre nós. Neste campo, e a partir dos achados nas fontes, cabem discussões em torno dos conceitos de estereótipos, estigmas e construção do outro (ELIAS; SCOTSON, 2000; GOFFMAN, 1975).

Ainda neste sentido, também destacaremos quais eram as representações de sexualização do corpo e dos gestos de mulheres negras divulgadas nos jornais. Grada Kilomba (2019), em sintonia

com as ideais de Franz Fanon, elucidada sobre algumas adaptações e abreviações de palavras que precisamos nos atentar, justamente para deixar evidente a tentativa de desmontar uma linguagem reduzida ao gênero masculino, com origens coloniais dotada de relações de poder, abusos e inferiorização de pessoas afrodescendentes, que são objetificadas e animalizadas através de uma linguagem racista. Adaptando, portanto, termos como sujeito, objeto, outra/o, negra/o, preto/o, mestiço/a, mulata/o, cabrita/o, escravo/a e subalterno. Tais termos serão problematizados nesta pesquisa, inclusive, pretende-se perceber as formações das fronteiras simbólicas erguidas em relação às personagens negras que não são enxergados como parte do meio social, sendo assim, espremidas nas margens, lidas como estrangeiras (KILOMBA, 2019).

Essa breve aproximação teórica ao objeto passará, certamente, por outras articulações e reparos, à medida em que o trabalho de pesquisa se for efetivamente concretizando e os achados empíricos forem apontando novas possibilidades analíticas imperceptíveis em uma primeira abordagem ao tema e ao problema de pesquisa dele derivado.

Metodologia

Em termos metodológicos, o projeto pretende aprofundar o levantamento bibliográfico no sentido de incluir outros trabalhos realizados no âmbito dos estudos do pós-abolição, que utilizam a imprensa como fontes primárias para o esclarecimento de suas questões, especialmente aquelas voltadas para a representação dos sujeitos negros. Da mesma forma, a pesquisa bibliográfica permitirá aprofundar a discussão sobre o conceito de representações sociais, sua articulação com a imprensa e a reconstituição dos contextos necessários à compreensão das representações na província de Mato Grosso.

Do ponto de vista das fontes para a resposta ao problema da nossa pesquisa, o conjunto de documentos selecionados é constituído por fontes escritas do gênero jornalístico, em finais do século XIX e inícios do século XX. As fontes datam de um período de intensas modificações na conjuntura político-social no Brasil e na então Província de Mato Grosso, compreendendo o fim do Império e o início da Primeira República. O espaço temporal abarca cerca uma década antes e uma depois da abolição da escravatura, de 1879 a 1912. A escolha deste período se justifica por duas razões, uma decorrente da outra. Acreditamos que este lapso temporal permite estabelecer comparações entre os padrões interpretativos sobre o negro na imprensa, nos antecedentes, no momento em que ocorre a abolição formal e nos momentos posteriores ao evento. Houve representações distintas em cada um desses momentos ou aquelas se foram adensando e

confirmando valores existentes sobre a população negra? Os contextos de localização dos sujeitos no jornal se mantiveram os mesmos durante todo o período? De outra parte, esse é o espaço temporal no qual conseguimos reunir o maior número de edições disponíveis para consulta nos acervos da cidade de Cuiabá. Também por essa razão, a seleção das fontes recaiu sobre três jornais que circularam em Cuiabá dentro do período: *A Província de Mato Grosso*, *A Tribuna* e o *Matto-Grosso*.

A Província de Mato Grosso se entendia como “Periódico Litterario, noticioso e dedicado aos interesses da Província”. Fundado em janeiro de 1879, pelo Presidente da Província de Mato Grosso, Joaquim José Rodrigues Calháo, seu objetivo era publicar os atos do governo provincial. Até 1889, esteve muito ligado aos interesses do Partido Liberal, passando a chamar-se, em janeiro de 1890, apenas *Matto-Grosso*, dirigido por Emilio Rodrigues Calháo, filho de Joaquim Calháo. As edições que vamos estudar foram publicadas entre 1879 e 1889, contando com 223 edições disponíveis para consulta. A partir de 1890, o renomeado periódico *O Matto-Grosso* circulou em Cuiabá até o ano de 1937, no entanto, o recorte de análise pretendido se estende até o ano de 1912, totalizando 281 edições deste periódico republicano. *A Tribuna* é fundada em novembro de 1885 e circula até maio de 1890, dois anos após a abolição. No decorrer dos seis anos de existência, foram publicadas 212 edições. Estudaremos as edições publicadas entre 1885 e 1890.

Neste caso, será estudado as edições publicadas dentro de um ano e meio. Por conta do atual cenário de pandemia e demais condições físicas destes materiais, pretendemos inicialmente analisar as edições digitalizadas que estão disponíveis na plataforma da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Sendo possível, também buscaremos trabalhar com as fontes disponíveis na Casa Barão de Melgaço e no Arquivo Público de Mato Grosso, em Cuiabá. No desenvolvimento da pesquisa, essas três fontes serão devidamente caracterizadas e contextualizadas enquanto vozes localizadas num tempo e espaço específicos.

Para a investigação destes periódicos será utilizado os Boletins de informações de indivíduos e o Recenseamento populacional de 1890, que por ter caráter de nomenclatura será de grande valia na forma de busca por termos referências às pessoas negras em como eram retratadas em Mato Grosso e no Brasil naquela época. Sendo possível observar a condição racial dos indivíduos pela catalogação como pretos, pardos e brancos; profissão; raça; religião; instrução, principais aspectos que poderão ter vínculo com as abordagens dos jornais na época da abolição. Neste sentido, de maneira corroborativa, poderemos analisar os gráficos estatísticos formulados no projeto realizado por Maria Adenir Peraro entre 2002 e 2003, com a realização de diversos levantamentos de fontes

censitárias sobre o recenseamento de 1890 em Mato Grosso.

Reunidas as fontes primárias para estudo, estas serão analisadas com recurso à técnica da Análise de Conteúdo (AC), proposta por Laurence Bardin (2000) e muito presente em estudos que visam o tratamento de grandes quantidades de texto. A técnica permite realizar uma análise qualitativa dos materiais, decompondo-os em unidades semânticas, que são distribuídas em categorias construídas pelo analista *a priori* – com base em uma pesquisa exploratória prévia – ou *a posteriori*, quer dizer, a partir das questões de pesquisa que serão colocadas às fontes. Nos estudos historiográficos, muitos autores têm recorrido à proposta de Bardin (2000) para estudar as fontes, especialmente os jornais e revistas.

Entre as vantagens da AC está o fato de ela abrir espaço para que o analista explore além da superfície do texto, buscando os significados latentes, que se explicam menos pelo que está dito e mais por aquilo que precede o discurso, ou seja, a relação entre aquilo que se afirma – ou escreve – e o domínio sociocultural. Assim, neste estudo, compreender o período do pós-abolição em Mato Grosso, o lugar do negro no período, bem como as características ideológicas e até formais dos jornais em análise, constitui necessidade metodológica básica para o estudo das representações sociais.

Desse modo, a escolha da AC como técnica para a compreensão das representações do negro dos jornais possui coerência com os próprios postulados teóricos aqui discutidos. Segundo os postulados da AC, tratar os elementos textuais e iconográficos – este também podem ser analisados seguindo os preceitos – como conteúdo é admitir que estes manifestam valores da sociedade nos quais eles foram produzidos, sendo que a sua legitimação ou deslegitimação dependerá sempre das condições sociais das instâncias enunciativas – o que, em nosso trabalho, são os jornais. Mas não os jornais por eles mesmos, já que, no caso de a Província de Mato Grosso, a título de exemplo, trata-se de um instrumento de vocalização de uma outra voz, a do governo da Província.

Alinhados com as contribuições de Bardin (2000), pretende-se realizar a análise em quatro fases. A primeira diz respeito a uma análise prévia, caracterizada pela seleção dos documentos e fontes efetivamente significativos para a pesquisa dentro do universo empírico disponível. Nosso objetivo é coletar textos e imagens publicados nos jornais, nos períodos referidos, que façam menção ao sujeito negro, pretos e pardos. Consideraremos desde artigos até anúncios publicados nos jornais, além de caricaturas e outros elementos iconográficos, a exemplo do que fizeram já outros autores, referenciados neste projeto (ALMEIDA; SILVA, 2013; COSTA PINTO, 1998; LUSTOSA, 1991; SANTOS, 2014; 2013; SCHWARCZ, 1987).

A segunda fase consiste na exploração do material propriamente dita. É o momento em que confrontaremos o nosso material de análise com as questões que interessam ao problema da pesquisa. É também aqui que construiremos as categorias de análise, em função das quais os conteúdos serão interpretados adiante. Verificaremos, por exemplo, em que espaços temáticos dos jornais surgem os negros, que figuras negras são incluídas, que atores sociais não negros aparecem nesses materiais e em que posição. Além disso, interessa verificar que referências são feitas aos negros, como estes são identificados quanto à sua raça ou àquilo que mais contemporaneidade se chama de marcadores sociais da diferença (ELIAS; SCOTSON, 2000; ZAMBONI, 2014). Outras questões vão sendo construídas a partir do contato metódico com o material.

A terceira fase é o momento do tratamento dos dados obtidos do confronto das fontes, o que nos leva, de maneira mais direta e articulada, a voltar aos contributos teóricos de autores como Chartier (1990) e Hall (2016; 1996; 2006; 2005) e outros, no sentido de articular os achados com o conceito de representações sociais. É certo que essa articulação se faz em todo o processo de análise, de forma que a menção nesta fase da pesquisa é mais no sentido de reforçar o imperativo deste movimento teórico-metodológico. É o momento das inferências e interpretações que tornaram os dados significativos e voltados à resposta ao problema. A quarta fase promove uma síntese dos resultados obtidos, apontando as conclusões que serão tensionadas na parte final da pesquisa.

CRONOGRAMA

[Lista de atividades](#)

- Ativ. 1 – Realização de disciplinas curriculares
- Ativ. 2 – Levantamento bibliográfico/Revisão de Literatura
- Ativ. 3 – Leitura das referências acerca do instrumental teórico-metodológico
- Ativ. 4 – Pesquisa de fontes no Arquivo Público de Mato Grosso
- Ativ. 5 – Levantamento de dados/Análise de Conteúdo
- Ativ. 6 – Participação em eventos acadêmicos/Produção de artigos científicos
- Ativ. 7 – Escrita da dissertação
- Ativ. 8 – Qualificação da dissertação
- Ativ. 9 – Defesa da dissertação
- Ativ. 10 – Depósito da Dissertação

Distribuição das atividades

Atividades	Iº Semestre		IIº Semestre			IIIº Semestre			IVº Semestre			
Ativ.1	X	X	X	X								
Ativ.2	X	X										
Ativ.3	X	X										
Ativ.4	X	X	X	X	X	X	X	X	X			
Ativ.5	X	X	X	X	X	X	X	X	X			
Ativ.6			X	X	X	X	X	X	X	X		
Ativ.7				X	X	X	X	X	X	X	X	
Ativ.8*						X						
Ativ. 9*											X	
Ativ. 10												X

Referências

ALBERTO, P. **Terms of Inclusion: Black Intellectuals in Twentieth-Century Brazil**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2011.

ALSINA, M. R. **A construção da notícia**. Petropolis: Vozes, 2009.

ALEIXO, L. H. G. **Vozes no silêncio: subordinação, resistência e trabalho em Mato Grosso (1888-1930)**. Cuiabá: Editora UFMT, 1995.

ALMEIDA, S. C.; SILVA, R. S. Do (in) visível ao risível: o negro e a "raça nacional" na criação caricatural da Primeira República. **Estudos Históricos**, v. 26, n. 52, 2013, p. 316-345.

ANDREWS, G. R. **Blacks and whites in São Paulo, Brazil – 1888-1988**. Madison: The University of Wisconsin Press, 1991.

ARANTES, E. B. **O Porto Negro: trabalho, cultura e associativismo dos trabalhadores portuários no Rio de Janeiro na virada do XIX para o XX**. Tese (Doutorado em História), Niterói: Universidade Federal Fluminense - UFF, 2010.

AZEVEDO, C. M. **Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BARBOSA, M. **História cultural da imprensa: 1800-1900**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Ed. 70, 2000.

BARROS, J. D. **O projeto de pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico**. Petrópolis: Vozes, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CARDOSO, Ciro Flamario. **Uma Introdução à História**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. Figuras retóricas e representações históricas. In: _____. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

COOPER, Frederick. **Conflito e conexão: repensando a História colonial da África**. **Anos 90**, v. 15, n. 27, 2008, p.2 1-73.

COSTA, Emilia Viotti. **Da senzala à colônia**. Rio de Janeiro: Difel, 1966.

_____. **A Abolição**. São Paulo: Global, 1988.

_____. **Da Monarquia à República: Momentos Decisivos**. São Paulo: Unesp, 2010.

COSTA, P. **O negro no Rio de Janeiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998[1953]

ELIAS, Norbert; SCOTSON, Jhon. **Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

DOMINGUES, P. J. Cidadania por um fio: o associativismo negro no Rio de Janeiro (1888-1930). **Revista Brasileira de História**, v. 34, n. 67, 2014, p. 251-281.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Ed. Universidade Federal da Bahia, 2008.

FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Ática, 1978.

FERREIRA, R. A. Brasil e Angola no tráfico ilegal de escravos, 1830- 1860. In: PANTOJA, S.; SARAIVA, J. F. S. (Orgs.). **Angola e Brasil: nas rotas do Atlântico Sul**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

FIGUEIREDO, C. V. S. Estudos Subalternos: uma introdução. **Raído**, v. 4, n. 7, 2010, p. 83-92.

FLORENTINO, M. G. **Em costas negras: uma história do tráfico atlântico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso: aula inaugural no collège de france**. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, M. **História da Loucura**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

GILROY, P. “Jóias trazidas da servidão: música negra e a política da autenticidade”. In: **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. Rio de Janeiro: Universidade de Candido Mendes, 2001.

- GINZBURG, C. **A Micro-História e Outros Ensaios**. Lisboa: Difel, 1989.
- GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
- GUAZINA, L. **Jornalismo em busca da credibilidade**: a cobertura adversária do Jornal Nacional no Escândalo do Mensalão. Tese (Doutorado), Brasília: Universidade de Brasília - UnB, 2011.
- GUERRA, P.B.C. Psicologia social dos estereótipos. **Psico**, v. 7, n. 2, 2002, p. 239-240.
- HALL, S. Identidade cultura e diáspora. **Revista do IPHAN**, n. 24, 1996.
- HALL, S. Raça, cultura e comunicações: olhando para trás e para frente dos estudos culturais. **Revista Projeto História**, 2005.
- HALL, S. **Da diáspora**. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.
- HALL, S. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.
- HOLT, T. **The problem of freedom**: race, labour and politics in Jamaica and Britain, 1832-1938. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1992.
- JODELET, D. **Representações sociais**. Rio de Janeiro, UERJ, 2001.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cogobó, 2019. p. 187-238.
- KOWARICK, L. **Trabalho e vadiagem**: a origem do trabalho livre no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- LAMOUNIER, M. L. **Da escravidão ao trabalho livre**. Petropolis: Vozes, 1998.
- LIMA, I. S. **Cores, marcas e falas**: sentidos da mestiçagem no Império do Brasil. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.
- LUSTOSA, I. Negro humor. A imagem do negro na tradição cultural brasileira. **Revista USP**, n. 9, 1991, p. 161-170.
- MACHADO, H. F. “A Imprensa do Rio de Janeiro e o Pós-Abolição”. In: **XXVIII Simpósio Nacional de História**. Lugares dos Historiadores: Velhos e Novos Desafios: Florianópolis –Santa Catarina, 27 a 31 de julho de 2015.
- _____. **Palavras e Brados**. José do Patrocínio e a imprensa abolicionista do Rio de Janeiro. Niterói: Eduff, 2014.
- MACHADO, M. H. **O plano e o pânico**: os movimentos sociais na década da abolição. Rio de Janeiro: UFRJ/EDUSP, 1994.

MALHEIRO, A. R. P. **A escravidão no Brasil:** ensaio histórico, jurídico, social. Petrópolis: Vozes, 1976 [1866-1867].

MAMIGONIAN, B. G. **Africanos livres:** a abolição do tráfico de escravos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

MARQUESE, R. B. A história global da escravidão atlântica: balanço e perspectivas. **Esboços**, v. 26, n. 41, 2019, p.14-41.

MATTOS, H.; RIOS, A. M. O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas. **Topoi**, v. 5, n. 8, 2004, p. 170-198.

MIRANDA, M. D. S. **Crianças Negras na Instrução Pública em Cuiabá/MT (1870-1890).** Dissertação (Mestrado em Educação), Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, 2010.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais:** investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003.

NABUCO, J. **O abolicionismo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999 [1883].

NASCIMENTO, A. P. "Sou escravo de oficiais da Marinha": a grande revolta da marujada negra por direitos no período pós-abolição (Rio de Janeiro, 1880-1910). **Revista Brasileira de História**, v. 36, n.72, 2016, p.151-172.

_____. Um reduto negro: cor e cidadania na Armada (1870- 1910). In: CUNHA, O. M. G.; GOMES, F. S. (Orgs.). **Quase- cidadão:** histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

PERARO, Maria Adenir (Coord.). **Projeto Levantamento de fontes censitárias:** o recenseamento de 1890 em Mato Grosso. Cuiabá: Agência Financiadora: PIBIC/CNPq/UFMT. 1 CD-ROM, 2003

QUIRINO, K. T. M. **Enquadramentos e Advocacy sobre o genocídio de negros:** análise da cobertura da Folha de S. Paulo. Tese (Doutorado em Comunicação Social/Jornalismo), Brasília: Universidade de Brasília - Unb, 2017.

REIS, J. J. **Rebelião escrava no Brasil:** a história do levante dos Malês em 1835. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

RODRIGUES, J. **De costa a costa:** escravos, marinheiros e intermediários do tráfico negreiro de Angola ao Rio de Janeiro (1780-1860). São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTOS, R. P. **O humor gráfico e a democracia multirracial:** A representação do presidente sul-africano Jacob Zuma no traço de Zapiro. In: 9º Inter programas de Mestrado em Comunicação. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 22-23 nov. 2013, p. 1-12.

_____. Quando o humor gráfico deixa de ser divertido: a veiculação de estereótipos por meio do traço. **Discursos Fotográficos**, v. 9, n. 15, 2013, p. 229-239.

SCHWARCZ, L. M. **Retrato em branco e negro**: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SCHWARCZ, L. M. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SÊGA, R. A. O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici. **Anos 90**, n. 13, 2000.

SLENES, R. W. **Na senzala, uma flor**: esperanças e recordações na formação da família escrava – Brasil Sudeste, século XIX. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

SODRÉ, N. W. **Panorama do Segundo Império**. Rio de Janeiro: Grafhia, 1998.

_____. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999[1966].

SOIHET, R. **Subversão pelo riso**: estudos sobre o carnaval carioca da belle époque ao tempo de Vargas. Rio de Janeiro, FGV, 1998.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2010.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2004.

TUCHMAN, G. **Making News**: A Study in the Construction of Reality. New York: The Free Press, 1978.

ZAMBONI, M. Marcadores Sociais da Diferença. **Sociologia**, v.1, 2014, p.14-18.

Periódicos

A Província de Mato Grosso, Cuiabá 1879-1889.

A Tribuna, Cuiabá, 1885-1890.

O Matto-Grosso, Cuiabá, 1890-1912.

Fontes oficiais impressas

MATO GROSSO. Relatório de Presidência da Província de Mato Grosso. Maio de 1888. p.4 Disponível em: <http://www.crl.edu/pt-br/brazil.com>. Acesso em: 20 jun. 2021.

BRASIL. Diretoria Geral de Estatística. Boletim de informações quanto ao Indivíduo na sociedade. 1890. Disponível em <http://biblioteca.ibge.gov.br/> Acesso em 26/06/2021.

_____. Boletim Individual. 1900. Disponível em <http://biblioteca.ibge.gov.br/> Acesso em 26/06/2021.

_____. Decreto N° 659, de 12 de agosto de 1890. In: Instruções para o segundo recenseamento da população da República dos Estados Unidos do Brasil em 31 de dezembro de 1890. p. 2. Rio de Janeiro. Imprensa Nacional. Disponível em <http://biblioteca.ibge.gov.br/> Acesso em 26/06/2021.

Recebido em: 05 de novembro de 2021.

Aprovado em: 07 de fevereiro de 2022.